

## A PROPOSITO DO 14 DE JULHO

## OS ANARQUISTAS NA REVOLUÇÃO FRANCEZA

«O que principalmente repugnava aos Girondinos, era a tendencia da Revolução para a egualdade, a tendencia dominante nesta epoca. Por isso Brissot não pôde perdoar ao *Club dos Jacobinos* ter tomado o nome — não d'amigos da Republica, mas o d'amigos da Liberdade e da Egualdade — sobre tudo da egualdade!

Não pôde perdoar aos «anarquistas», terem inspirado as petições «desses operarios da cidade de Paris, que se intitulavam a *nação* e que pretendiam ficisar o seu salario modelando-o pelo dos deputados.

«Os desorganizadores, diz ele, são os que tudo querem nivelar, as propriedades, o bem estar, o preço dos productos, *o dos diversos serviços prestados á sociedade*, etc; que querem que o operario receba tanto como o legislador; que querem nivelar até os talentos, o saber, as virtudes, porque nada disso possuem.»

Mas quem são afinal esses anarquistas de que nos fala Brissot e cujo estermínio ele tanto deseja?

Em primeiro lugar os anarquistas não são *um partido*. Na Convenção está a Montanha, os Girondinos, a Planície, ou antes o Pantano, o Ventre, como então se dizia; mas não ha lá «anarquistas». Danton, Marat e mesmo Robespierre, e um ou outro jacobino, podem por vezes acompanhar os anarquistas; mas estes encontram-se fóra da Convenção. Estão, digamo-lo, acima dela; dominam-na.

São revolucionarios disseminados por toda a França; entregaram-se á Revolução de corpo e alma; compreenderam-lhe a necessidade; amam-a e trabalham por ela.

Muitos deles agrupam-se em volta da Comuna de Paris, pois ela ainda é revolucionaria; alguns pertencem ao Club dos Franciscanos, outros vão ao Club dos Jacobinos. Mas o seu verdadeiro campo é a secção e sobretudo a rua. Na Convenção estão nas tribunas, donde orientam os debates. O seu meio d'ação é a opinião *do povo* — não a «opinião publica» da burguezia. A sua verdadeira arma é a insurreição. Por meio desta arma ezercem influencia nos deputados e no poder ezeutivo.

E quando é preciso um esforço decisivo, sublevar o povo e marchar *com ele* contra as Tulherias são eles que preparam o ataque e combatem.

Quando o entusiasmo revolucionario do povo arrefecer retirar-se-ão para a condição obscura donde tinham saído. Não haverá senão os panfletos, cheios d'odio dos adversarios, para nós podermos conhecer a imensa obra revolucionaria que eles efetuaram.

Quanto ás suas idéas, são bem claras, decisivas. A Republica? Sem duvida! A egualdade perante a lei? D'acordo! Mas não é tudo; está muito longe de ser tudo.

Servirem-se da liberdade politica para se obter a liberdade economica, como recomenda a burguezia? Eles sabem que isso não pode ser.

Por isso eles reclamam a coisa diretamente. *A terra para todos*, ao que se chamava então a «lei agraria», a *egualdade economica*, ou para falar a linguagem desse tempo, o «nivelamento das fortunas».

Mas ouçamos Brissot: «São eles que dividiram a sociedade em duas classes, a dos que possuem e a dos que não possuem — a dos *sem-camisa* e a dos *proprietarios*, e que escitaram uma contra a outra». São eles que, continua Brissot, com o nome de secções, não cessaram de cançar a Convenção com petições para que se ficasse o *maximo* dos sereaes. São eles que enviam «emissarios que vão por toda a parte pregar a guerra dos sem-camisa contra os proprietarios» são os que pregam «a necessidade de nivelar as fortunas».

São eles ainda que provocaram «a petição dos dez mil homens que se declaravam em estado de insurreição, emquanto não houvesse taxas para o trigo» e que promoviam insurreições por toda a França.

Eis os seus crimes. Dividir a nação em duas classes, a dos que possuem e a dos que não possuem.

Escitar uma contra a outra. Reclamar pão; pão para todos que trabalham.

Não ha duvida que eram grandes criminosos. Simplesmente, qual dos socialistas do seculo XIX soube inventar qualquer coisa que valesse mais do que a reclamação dos nossos antepassados de 1793: «Pão para todos?» Ha muitas mais palavras hoje; mas menos ação.»

Pedro Kropotkine

De «La Grand Revolution» pag. 453-455, recém publicada em Paris.

## OS INTELECTUAES

«Que é isso de pretender um movimento anarquista esclusivamente, genuinamente operario, o que equivale á sua divisão odienta? que é isso de querer depurar o movimento anarquista dos elementos estranhos á «classe trabalhadora», o que equivaleria lá fóra a privá-lo dos seus melhores homens e equivale cá dentro a negar aos outros a liberdade de pensar? que é isso de resumir o movimento anarquista a reclamações, senão a odios, de classe? que é isso de, em nome da anarquia, andar a inquirir do pensamento alheio, que officio tem?»

A' parte a fórmula acerada da frase, parecia-lhe que estas linhas encerravam muita verdade. Devia aceitá-las?

Pobre diabo hesitava. Era então errado o seu modo de ver? Seria, na realidade, constituída por odios e invejas a sua repulsa pelos intellectuaes não produtores? Poz-se a recordar as opiniões de peso; á memoria entravam a acudir-lhe os factos decisivos. Mas a sua perplexidade não cessava, quem sabe se por um resto da superstição que noutro tempo o curvava a ele, um rustico, mal juntando duas palavras, ante o primeiro figurão que lhe aparecia, com labia para entreter meio mundo!

Lembrou-se da repugnancia de Marx pela invasão das organizações operarias por intellectuaes; como que releu a frase do conselho geral belga da Internacional numa carta ao grupo iniciador da Aliança: — «se os trabalhadores aceitam na sua Associação socialistas que, pelo seu nascimento e pela sua situação privilegiada, não pertencem á classe dos deserdados, é com a condição de que esses amigos do povo não formem uma categoria á parte, uma especie de protetorado intellectual ou de aristocracia da intelligencia». Mas o espinho da duvida persistia. Tomar isto á letra, afigurou-se-lhe servilismo, apego religioso á tradição. Havia de pensar-se hoje, como ha 35 anos? Então a vida, depois disso, nenhum ensinamento troucera, nenhuma nova conceção produzira?

Bruscamente, no espirito representou-se-lhe um espectáculo de fresca data, na sua sua terra. Viu um pequenissimo grupo de intellectuaes desviar a corrente libertaria para o campo republicano, a pretexto de que era preciso apossarmo-nos desse «instrumento de progresso» para a conclusão da nossa obra, como se ao cabo desta se podesse chegar andando em sentido inverso. Viu que todas as crises politicas teem consistido quasi sempre, senão sempre, na substituição de uns intellectuaes por outros intellectuaes o que se até certa epoca serviu para manter o Estado, agora está servindo para o reforçar e fortificar. Viu que nem só a politica é ainda privativa dos intellectuaes, mas a medicina, a religião (culto), o direito (justiça), tratadas,



bem como a arte, de coisas misteriosas, transcendentas que só seres privilegiados, superiores, podem exercer ou administrar. Viu que, no fim de contas, os intellectuaes procedentes das nossas escolas, imbuidos em ensino classico, em conhecimentos geraes abstratos, ocos, embora verbosos, acham-se formados para viverem, como frades, á margem... da produção. E as suas idéas readquiriram a precisão e vigor anteriores.

O que se repele não é a arte ou a ciencia, é um estado maior revolucionario jogando com as idéas e dizendo ao povo o que ele deve pensar, é a existencia de duas castas no campo libertario, tendo uma a superior função de pensar e espôr os seus pensamentos, e a outra a mofina sorte de os ouvir e executar silenciosamente, — o que se repele é o intermediario, é essa chusma de creaturas que se fazem cargo unicamente de traduzir em linguagem e pôr a correr mundo risos e prantos, coleras e dôres que são doutros ou de avivar a est'outros as paixões e defender-lhes os interesses! Se a função faz o orgão, nós condenamos aquela para não termos de eliminar este. Como poderemos nós vir a possuir a capacidade necessaria para dirigir a industria, se até para nos organisarmos, se até para fazermos viver as nossas tão simples organizações carecemos da tutela de estranhos?

Nalgumas localidades os pobres analfabetos teem o habito, filho da necessidade, de recorrer a uma outra pessoa mais habilitada, para a leitura e a escrita da sua correspondencia. Noutras este habito redundou já em mister mais ou menos lucrativo. Este costume, arte officio é, mal comparado, o dos intellectuaes no campo revolucionario, e não se dirá que não devam espunjar-se. Que importa que nas nossas tentativas para o conseguirmos, nos mostremos ridiculos? O uso nos fará mestres.

José Luiz

## NOTAS PARA UM DICCIONARIO

31

**Analogia universal.** — Expressão do vocabulario filosofico de Fourier, que pretendia encontrar constantes analogias entre os seres animados e inanimados, de que deduzia o destino do homem e do mundo.

### Anotando:

24. — *A'manhã.* — Revista popular de orientação racional, de Lisboa. Em publicação. Directores: Gracio Ramos e Pinto Quartim. O n.º 1 saiu em 1 de junho deste ano. Tendencias libertarias. Disse na sua apresentação ao leitor: — «Queremos pão, liberdade, ciencia e bem estar para todos os que compõem a grande familia humana. Queremos que a cada individuo assegurado seja o seu maximo de felicidade. Queremos uma sociedade nova... «A'manhã» aparece hoje para descobrir os erros que no fundo de cada uma das nossas instituições sociaes existem; para espurgar do cerebro dos homens as idéas falsas legadas por um passado de obscurantismo e de ignominia, e aferradas na mente das nossas gerações pela educação official, servil, dogmatica e metafisica.»

26. — *Amigos do Povo.* — Com a denominação de *Biblioteca «Amigos do Povo»* saiu em Lisboa, no ano 1904, o primeiro duma serie de opusculos, assim intitulado: — *Teoria revolucionaria*, por F. F. M., anotado por Heliodoro Sãlgado. A indicação do autor está errada: é F. T. M., como se vê no «Segundo Certamen Socialista», livro publicado em Barcelona em 1890, donde a *Teoria* foi traduzida. E' publicação dos anarquistas reformistas.

José Luiz

## EM VOLTA DO AMOR LIVRE

(Continuação)

Mas, ah, filhas do povo! mulheres proletarias! não chegaes a compreender de quanto sois vítimas? Não sentis nos vossos hombros o peso dos preconceitos sociaes?

Ouvi:

Nós, os anarquistas, somos os vossos unicos e verdadeiros amigos, porque queremos emancipar-vos da tutela aviltante do macho, ambicionamos colocar-vos em condições taes que possaes expressar os vossos desejos e vontades como melhor vos pareça, sempre para o bem e para o bélo, conduzindo-vos para uma sociedade que vos garanta os meios de vida e de felicidade. Por conseguinte, vinde ao nosso lado, lutae comnosco para, quanto antes, despedaçar o jugo que seculos e seculos tendes suportado, sempre crentes e submissas. A luta por nós empreendida, é contra todas estas instituições que crearam a vossa sujeição e a vossa ignorancia. Uma vez obtida a vitoria na batalha, sereis livres e felizes.

\*

Ha modos diversos de prostituição.

Não é unicamente prostituta, usando a frase grafica dos nossos tempos, a jovem que por miserias moedas, nos vende as suas caricias, manifestando-nos prazeres que não sente com o unico interesse de nos ser agradável para que a favoreçamos quantas vezes nos fôr possível; não o são só aquelas desgraçadas que para obter os recursos de vida vendem os seus carinhos e alugam o seu corpo ao primeiro que se apresente por um preço já estipulado, qual mercadoria de loja de fanqueiro. Toda esta pleiade de desventuradas que tanto por ai abundam, lacrimosas e risonhas, a todas as horas do dia e da noite, sabe-se são as vítimas diréctas das falsas instituições sociaes. Para nós é tambem prostituta aquela que, pelo interesse, sendo jovem se entrega sem amor a um velho, assim como se se entregasse a um novo que os seus sentimentos repudiassem.

A mulher embora «casada» que sem sentir aféto trata de especular nas caricias do «esposo», sacrificando por este facto a maior das felicidades para se sujeitar a determinados convencionalismos, prostitue-se, e a sua prostituição é tão repugnante que pode comparar-se á mais lóbrega meretriz, e é de efeitos tão contraproducentes que pode, por efeitos fisiologicos, considerar-se como um veneno para a saude das gerações a nascer. Essas não serão prostitutas de porta aberta, mas serão prostitutas, por que no fim de contas assim como aquelas se entregam a caricias cujos sentimentos repudiam, assim essas as recebem e hão de dar tambem a quem por quem o seu coração não bate. E' por mais que o cristianismo nos seus tempos triunfantes sancionasse a união dos dois secos para lhe outorgar a reprodução e perpetuação da especie, hoje essa união, mercê das condições sociaes, na generalidade dos casos, não passa de uma prostituição disfarçada.

Sujeita a mulher sempre ás vontades do homem, uma vez unida a este pela sanção eclesiastica ou judicial, ha de renunciar por inteiro (assim o ordena a lei d'aqueles que lhe sancionaram a união) aos seus desejos, para executar e acatar as ordens ou caprichos do homem que a escolheu e acompanha-lo em todos os átos da sua vida, sejam eles bons ou maus.

Se o homem antes do viver intimo procurava, por certas conveniências, esconder certos defeitos moraes ou fisicos, e que depois, na vida intima os manifesta, sendo mau e perverso, tendo enganado, e a mulher não pode soporta-lo e por conseguinte trata de o abandonar para se subtrair